A frase recente de Vladimir Putin — “se a Europa quer a guerra, a Rússia está preparada” — reacende um velho fantasma que muitos julgavam adormecido: o medo de uma escalada militar num continente que ainda carrega cicatrizes de conflitos que marcaram a sua identidade política e moral. Esta declaração, embora aparentemente direta, é um instrumento geopolítico cuidadosamente calibrado. Tal como sublinham académicos de relações internacionais, as guerras modernas começam muito antes do primeiro tiro: começam com discursos, perceções de ameaça e disputas pela narrativa global (Mearsheimer, 2023). O aviso de Putin não é apenas um comentário; é um sinal dos tempos, daqueles que nos lembram que a paz não é garantida, é construída, negociada e preservada com vigilância constante.

A Europa vive hoje num equilíbrio frágil. A heterogeneidade política interna, a pressão económica pós-pandemia, a crise energética e o aumento dos extremismos criam um ambiente estruturalmente vulnerável. Esta vulnerabilidade é particularmente evidente quando observamos a dificuldade dos Estados-membros em agir como um bloco coeso perante desafios de segurança. A Rússia reconhece esta fraqueza estrutural e transforma-a numa arma, usando-a como mecanismo de pressão psicológica e diplomática. Não necessariamente para iniciar uma guerra convencional, mas para redefinir relações de poder, testar limites e desgastar aliados. A guerra contemporânea, como refere Nye (2024), é híbrida: mistura força militar, energia, desinformação, diplomacia, economia e psicologia.

A retórica de Putin é, portanto, tudo menos inocente. Atribuir à Europa a vontade de guerra é uma manobra discursiva que desloca responsabilidades e tenta construir legitimidade interna e externa. Ao insinuar que está apenas a reagir ao suposto belicismo europeu, Putin reposiciona a Rússia não como agressora, mas como defensora, procurando moldar perceções internacionais. Este tipo de comunicação estratégica, conhecido como *signalling coercivo*, tem o objetivo de criar hesitação e divisão entre Estados, fragilizando decisões multilaterais (Schelling, 2022). Este aviso tem três recetores claros: os governos europeus, os Estados Unidos e as sociedades civis. Cada um deles é atingido com uma mensagem diferente, mas complementar: instabilidade, desgaste e medo.

A verdade é que a Europa não deseja a guerra e disso podemos ter certeza. No entanto, o simples facto de ser obrigada a reafirmar continuamente este posicionamento revela a erosão da confiança internacional e a fragilidade do sistema de segurança do continente. Hoje, mais do que nunca, a Europa precisa de recuperar “clareza estratégica”, um conceito

amplamente discutido no seio da União Europeia desde 2022 (European External Action Service, 2024). Não basta condenar agressões ou apoiar a Ucrânia: é necessário consolidar a capacidade militar europeia, reforçar a autonomia energética, coordenar políticas diplomáticas e garantir que a voz do continente seja firme e coerente. A paz não depende apenas da ausência de conflito militar; depende da força com que defendemos valores democráticos, dignidade humana e estabilidade internacional.

Quando um líder internacional afirma estar pronto para a guerra, não está apenas a declarar capacidade militar; está a medir a resposta emocional e estratégica dos adversários. Putin testa a Europa da mesma forma que testa os Estados Unidos: avaliando fissuras, analisando hesitações e explorando desacordos internos. Esta estratégia é amplificada pela guerra informacional, onde narrativas manipuladas circulam com rapidez e moldam imaginários coletivos. As guerras atuais travam-se tanto nos campos de batalha como nas redes sociais, nos jornais, nos parlamentos e nas perceções emocionais das populações (Ferguson, 2022). O medo torna-se, assim, uma arma política.

A Europa, contudo, possui também ferramentas de poder que não devem ser subestimadas. A sua força reside na diplomacia, na integração económica, na articulação multilateral e na capacidade de fomentar alianças. Mas esta força tem sido afetada pela fragmentação interna. Para que a Europa se defenda sem recorrer à violência, precisa de liderança estratégica, de visão comum e de coragem política, elementos que nem sempre coexistem no atual cenário continental. As nações europeias encontram-se divididas entre prioridades internas e responsabilidades externas, entre urgências económicas e exigências de segurança, entre pressões eleitorais e compromissos internacionais. Esta oscilação contribui para a instabilidade e oferece margem para que atores externos explorem vulnerabilidades.

A pergunta essencial não é se a Europa está preparada para a guerra, mas se está preparada para a paz. A paz exige investimento, planeamento e visão de longo prazo. Exige que as democracias europeias saibam defender-se com diplomacia robusta, capacidade militar proporcional, resiliência informacional e coesão política. Exige que o continente retorne ao papel histórico de mediador global, não de espectador inquieto. Exige que perceba que o verdadeiro combate do século XXI não é entre tanques e mísseis, mas entre narrativas, alianças e capacidades tecnológicas.

Ao analisar a frase de Putin, percebemos que o seu impacto vai além da política externa. Ela

toca dimensões psicológicas, sociais e identitárias da Europa. A memória coletiva europeia é marcada por guerras devastadoras; por isso, qualquer ameaça ressoa profundamente no imaginário social. Esta memória torna a Europa simultaneamente prudente e vulnerável. O continente tem aversão profunda ao conflito armado, mas esta aversão pode facilmente transformar-se em paralisia estratégica. E é precisamente esta paralisia que a Rússia procura explorar.

O futuro não se constrói com medo. Constrói-se com antecipação, preparação e clareza moral. A Europa enfrenta um desafio histórico: reafirmar-se como potência de paz num mundo que regressa perigosamente à lógica das grandes potências. Mas a paz não será alcançada pela passividade; será conquistada pela capacidade de agir, dialogar, dissuadir e negociar com firmeza. O caminho é estreito, mas possível.

A frase de Putin serviu como lembrete de que a ordem internacional está a mudar rapidamente. A Europa deve, por isso, mudar também: mais unida, mais estratégica, mais consciente das suas forças e dos seus limites. As democracias europeias precisam de reconhecer que a paz é um projeto ativo, não um dado adquirido. E que, perante ameaças externas, a resposta deve ser mais do que medo: deve ser inteligência, resiliência e visão.

O maior risco para a Europa não é a guerra iminente, mas a incapacidade de se adaptar ao novo mundo que emerge. Um mundo onde a estabilidade se constrói diariamente, e onde a coragem diplomática vale tanto quanto a força militar. Neste sentido, o desafio europeu não é evitar a guerra — é merecer a paz.

Referências Bibliográficas

European External Action Service. (2024). *EU Strategic Compass for Security and Defence*. EEAS.

Ferguson, N. (2022). *Doom: The politics of catastrophe*. Penguin.

Mearsheimer, J. (2023). *The great delusion: Liberal dreams and international realities*. University of Chicago Press.

Nye, J. (2024). *Soft power and the future of global order*. Oxford University Press.

Schelling, T. (2022). *Arms and influence*. Yale University Press.